

## **E A ARTE DA CONVERSAÇÃO FALOU MAIS ALTO:**

**no teatro clássico francês, *Sir Politick Would-Be*,**

**de Saint-Évremond**

CARMEN MATOS ABREU

csmcarmen@gmail.com

“Un nom célèbre, mais un écrivain encore mal connu.” (Scherer e Truchet, 1986: 1377) – é com esta frase que Jacques Truchet inicia um capítulo sobre o escritor Saint-Évremond. Por empréstimo, também com ela iniciamos este artigo, consagrado a um dos textos dramáticos deste autor do século XVII francês.

Aristocrata, escritor, crítico<sup>1</sup> e filósofo à sua maneira – “non qu’il fût un véritable philosophe: plutôt un ami des philosophes” (Scherer e Truchet, 1986: 1377) –, por dissensões com Mazarin e na sequência de alguns comentários discordantes sobre o Tratado de Paz dos Pirinéus, ainda das políticas governativas do cardeal, Saint-Évremond,

---

<sup>1</sup> Enquanto crítico, o autor era respeitado e considerado na sua época: “Saint-Évremond, who never wanted to be anything other than an *honnête homme*, is by reputation the best French literary critic of his day. He presents no carefully elaborated doctrine, no systematic approach to literature (...) Certainly his critical essays do mirror a distinctive personality.”. Vide Quentin M. Hope, 1962: 3.

que chegou a conhecer a Bastilha, abandona a França em Novembro de 1661, com quarenta e oito anos de idade, juntando-se assim ao grupo dos exilados. “Les écrivains et les artistes n’ont plus d’autre choix que de se soumettre, tant la répression frappe tous les tenants de l’Écureuil [Fouquet] tombé. Les désastres financiers des traitants ou leur disgrâce, quand il n’est pas question d’arrestation ou d’exécution, frappent Saint-Évremond, qui doit s’enfuir, ...” (Christian Biet, 2000: 15) – era este o quadro dos intelectuais que não abraçavam o regime totalitarista de Luís XIV. Dirigindo-se para Haia, onde foi acolhido pela rainha Cristina da Suécia – uma amizade que conservava de Paris a partir da visita que a soberana lá fizera a Descartes em 1656 –, inflecte de seguida para Inglaterra e regressa a Haia em 1665, agora para fugir à peste de Londres e à instabilidade resultante de diferendos políticos entre Inglaterra e França. Em 1670, e a pedido de Carlos II, instala-se definitivamente em Londres<sup>2</sup>. Desde essa data e até ao fim da vida, permanece na capital britânica, frequentando com regularidade os espaços de St. James. Homem de elevada cultura, este *bonnête homme* convivia com escritores e filósofos, exibindo nas hostes aristocráticas um *savoir faire* de garantia francesa<sup>3</sup>. A reputação conquistada no estrangeiro valeu-lhe ser visitado por ilustres figuras da cena internacional que ansiavam conhecer o bom uso da sua elegância e do inimitável *esprit* gaulês. Nascido em 1614, o nosso autor morre em 1703, quase aos 90 anos, sendo sepultado no Canto

---

<sup>2</sup> Durante estas digressões, Saint-Évremond faz, desenvolve ou reata amizades com nomes ilustres, como d’Aubigny, Arlington, conde de Saint-Albans, Buckingham, Hobbes, De Witt, príncipe d’Orange, Spinoza e outros. *Vide* Jean-Pierre Jackson, 1996: 15-16.

<sup>3</sup> “...un aspect frappant de l’influence de la France de Louis XIV pourrait résider dans le paradoxe de son «exportation». En effet le modèle français s’est fait connaître grâce à des exilés: que l’on songe à Saint-Évremond (1614-1703) vivant à Londres, ou à Pierre Bayle (1647-1706) qui dut vivre en Hollande.”. *Vide* Emmanuel Bury, 1993: 102.

dos Poetas da Abadia de Westminster, numa manifestação de carinho e apreço do povo que o acolheu.

O seu posicionamento perante a vida afirmava-se por uma enorme dedicação aos prazeres que dela pudesse extrair. Cortês, galante, erudito, numa carta dirigida ao Comte d'Olone onde disserta "Sur les plaisirs"<sup>4</sup>, o autor revela a sua admiração por uma determinada distinção comportamental: "sans les Délicats, la galanterie seroit inconnue, la musique rude, les repas mal-propres et grossiers. C'est à eux qu'on doit l' *erudito luxe* de Petrone, et tout ce que le raffinement de nôtre siècle a trouvé de plus poli, et de plus curieux dans les plaisirs." (Saint-Évremond, 1969: 18). A epístola define com clareza o conceito de arte de viver do seu autor. O seu entendimento sobre a confrontação com os infortúnios e com as venturas, revelador de uma disposição inquestionavelmente epicurista, surge mais adiante, na mesma carta: "Si je suis obligé de regretter quelque chose, mes regrets sont plutôt des sentiments de tendresse que de douleur; ... Je veux que la connoissance de ne rien sentir qui m'importune, que la réflexion de me voir libre et maître de moy, me donne la volupté spirituelle du bon Epicure; j'entends cette agréable indolence, qui n'est pas un état sans douleur et sans plaisir; c'est le sentiment délicat d'une joye pure, qui vient du repos de la conscience, et de la tranquillité de l'esprit." (Saint-Évremond, 1969: 21). Este posicionamento auto-reflexivo, de resto muito comum na sua época, poderá ainda ser entendido como uma necessidade de o autor se explicar perante o mundo e assim encontrar alguma liberdade e a paz de espírito que almejava. As suas epístolas, tendencialmente reveladoras de interesses e gostos pessoais, sempre marcados por traços aristocráticos, surgem ainda envoltas

---

<sup>4</sup> Saint-Évremond, 1969. Em "Notice", René Ternois, valendo-se de vários elementos, sugere que esta carta tenha sido escrita antes de Saint-Évremond ter partido para o exílio. *Vide* p. 5.

numa aura de carácter moralizante: “The moraliste pieces offer an acute exploration and interpretation of an aristocratic ethic which combined idealism with pragmatism in a way that seemed incoherent to some contemporary writers...”, escreve Denys Potts, acrescentando que “In this moral climate it is not surprising that Saint-Évremond’s intellectual curiosity should have turned to Epicurianism, which was the philosophy of choice of the thinking nobleman.” (Denys Potts, 2002: 3, *passim*). Nos seus textos, e particularmente nas obras dramáticas, são inquestionáveis os reflexos desse diletantismo epicurista, exponenciados ao *erudito luxem* de uma sábia arte de viver. E esta é a resposta tão elementar quanto sumariada à asserção de Truchet que adoptámos no início<sup>5</sup>.

“Quelque plaisir que je prenne à la lecture, celui de la conversation me sera toujours plus sensible.”<sup>6</sup>, lê-se numa carta de Saint-Évremond dirigida ao maréchal de Crequi. O seu percurso filosófico e literário, revelador de uma grande independência de pensamento, acabou por lhe valer o epíteto de libertino. A conversação, espaço ideal para o exercício da crítica e da ironia, permitia-lhe o acesso a uma independência de expressão que, de outra forma, o comprometeria. Ainda assim, “Son talent pour la raillerie fine et mordante fait de lui un allié recherché et un adversaire haï, et lui vaudra des faveurs mais aussi des disgrâces...”, comenta D. Bensoussan, lembrando as duas passagens de Saint-Évremond pela Bastilha (Saint-Evrémond, 1998: 10).

Em França, relata-nos Marc Fumaroli, a arte da conversação “a passé pendant quatre siècles pour un sport national, et même plus

---

<sup>5</sup> De facto, estamos bem conscientes do desconhecimento acerca deste autor nos círculos literários portugueses, tanto mais que a nossa dissertação de mestrado (Carmen Matos Abreu, 2005) constituiu no nosso país o primeiro estudo sobre ele.

<sup>6</sup> Saint-Évremond, 1969: 121. A escrita desta longa carta é situada por René Ternois entre os anos 1669 e 1671, admitindo o estudioso que uma parte dela tenha sido escrita ainda na Holanda.

spécifiquement parisien.” (Marc Fumaroli, 1994: 284), chegando mesmo a ser objecto de numerosos tratados normativos. No século XVIII toda a Europa aderira já a este gosto oratório de raízes francesas, reconhecendo-se a cidade de Paris como capital dessa arte. Com origens na Antiguidade Clássica, este talento de supremo efeito na pragmática social tivera pontos altos, por exemplo, nos diálogos platónicos ou no fervor dialéctico renascentista, atingindo depois o apogeu no Seiscentos francês. Porque naturalmente adequado à sensibilidade do *esprit gaulês*, ainda bem acolhido nos anéis aristocráticos, esta competência na arte da conversação completa-se numa outra arte, a do viver hedonista, ambas adornadas por exteriorizações vistosas e ao serviço da galanteria. Com a fuga de Saint-Évremond e de outros intelectuais, este *modus vivendi* derramou-se por outros países. Quando M. Fumaroli, referindo-se à disseminação desta prática no espaço geográfico inglês relata que “Le modèle français avait gagné l’Angleterre dès la fin du dix-septième siècle” (Marc Fumaroli, 1994: 287), atribuindo a responsabilidade a Shaftesbury enquanto filósofo da conversação (*idem*: 283), temos obrigatoriamente de mencionar Saint-Évremond como seu antecessor, dado que – como já dissemos – o autor francês se exila em 1661, instalando-se definitivamente em Inglaterra em 1670, ao passo que Shaftesbury nasce em Londres em 1671.

Decorridos dez anos de exílio, na carta que tem vindo a ser referida, dirigida ao marechal de Crequi, Saint-Évremond aponta o seu conforto nesta matéria: “...je me trouve aussi sensible au plaisir de la conversation et aussi heureux à le goûter, que si j’avois toujours esté en France. J’ay rencontré des personnes d’autant de merite que de consideration, dont le commerce a sçeu faire la plus grande douceur de ma vie. J’ay connu des hommes aussi spirituels que j’en aye jamais veu, qui ont joint la douceur de leur amitié à celle de leur entretien.”<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “A Monsieur le Maréchal de Crequi”, in Saint-Évremond, 1969: 127.

Face a este relato, parece não fazer sentido duvidar da prática regular em Inglaterra desta actividade oratória, adequada aos novos circuitos do debate inteligente.

A transferência de Saint-Évremond para outro país, não impediu o culto da amizade, no âmago da qual se desenvolvia e exaltava a arte da conversação. Para ultrapassar este novo desafio, o autor terá sabido fazer um excelente uso da dita arte de viver, afinal o objectivo primeiro da ideologia epicurista, para o que sempre concorria com uma hábil e pronta aptidão elocutória exibida em todos os circuitos sociais em que se movimentava. Entretanto, não deixa de ser pertinente questionar a importância de um factor como a língua. Contra o que pudéssemos esperar, a verdade é que a questão linguística não terá chegado a constituir uma contrariedade. Recorde-se que na atmosfera londrina da segunda metade do século XVII prevalecia – na corte, inclusive –, o uso da língua francesa no quotidiano. Há razões que explicam este fenómeno, que hoje nos pode parecer estranho.

Uma das muitas proclamações de carácter despótico de Luís XIV, de acordo com a qual seriam condenados à morte todos os que pretendessem fugir do hexágono francês, provocou um considerável êxodo para o outro lado da Mancha<sup>8</sup>. Por outro lado, a eclosão na Ilha da guerra civil em 1642, levou a família real inglesa, acompanhada pelo seu vastíssimo séquito de súbditos, a exilar-se na corte francesa. A Restauração inglesa em 1660 criou as condições para Carlos II regressar ao trono londrino, o que coincide aproximadamente com o início da governação absolutista de Luís XIV. Ou seja, ocorre neste período um intenso movimento migratório, primeiro de Inglaterra para França e logo a seguir no sentido inverso. Nas ruas da *City* falava-se francês,

---

<sup>8</sup> Walter Melville Daniels, 1907, 62: “On se cachait dans les tonneaux, ou bien parmi les cargaisons de fruits, et avant la fin de 1690, plus de 80.000 réfugiés, selon Burnet, se trouvaient en Angleterre.”

sendo visível nos regressados uma aculturação afrancesada (Saint-Évremond, 1970: 20), justificada pelos quase vinte anos de permanência em terras parisienses. Balanço apurado, a arte da conversação transferiu-se facilmente para Inglaterra. E disso daremos agora algumas notas baseadas no texto dramático tomado para análise.

Escrito nos primeiros anos de estada na Ilha, o texto dramático *Sir Politick Would-Be* revela com clareza essa marca de convivência social. Elaborado no dizer, elegante nas ideias, lisonjeador e sempre requintado, reconhece-se em toda a peça um nível discursivo de aura superior, genuinamente francês, tanto mais que de tom marcadamente galante. Em qualquer estado de alma em que se encontrem as personagens, o tom obsequioso e o trato respeitável nunca são descurados. Há nos discursos um nivelamento sempre em benefício do bom-tom, numa manifestação da elegância atribuída às classes aristocráticas do século XVII francês. Podemos reconhecer nesta ênfase os ditames sociais da caneta autoral, aplicados no texto a convivências de fundamento burguês em tensão com o aristocrático. Estando ao nível da comédia, nem por isso os vícios deixavam de ser castigados nas paradas e respostas de refinado trato. Pelo contrário, o burlesco era amplamente exibido, as impertinências humanas impiedosamente expostas, rindo-se afectadamente a sociedade de si própria. Manifestam-se os excessos, ressaltam as paixões e remontam os desvarios, sempre envoltos num alento palavroso e cortês.

A partir da primeira elocução de *Sir Politick Would-Be*, fala mais alto a arte da conversação pela pena de Saint-Évremond. Ouve-se o seguinte cumprimento, proferido pelo francês Mr. De Riche-Source, um homem de negócios em terras venezianas, que se dirige ao seu amigo inglês Sir Politick Would-Be, um pretendente a político (como o indica o condicional no nome) também em viagem por terras venezianas:

MONSIEUR, le Bruit de vôtre Réputation en général, & les Graces que ma Maison a reçûës de Vous en particulier, m'obligent à vous assûrer du Respect que j'ai pour vôtre Personne, & de la Reconnoissance que j'ai de vos Faveurs. (Saint-Évremond, 1978: 17).

E a comédia parece iniciar-se aqui. É que, tratando-se do encontro de duas pessoas inscritas na burguesia – um homem de negócios e um pretendente a político –, o tom discursivo tão refinado não faria qualquer sentido. Fala-se de valores sociais – reputação, respeito, reconhecimento –, mas de uma forma que logo resulta ridicularizada, porque excessiva no trato entre elementos daquelas classes. Ressalta ainda o lado adulator, apresentado como sátira das aspirações dessas classes sociais. Num período em que a pragmática social almejava registos mais elevados, o trato da linguagem das classes cultas e da nobreza era objecto de cobiça de uma burguesia endinheirada que ascendia. E esta caminhada despertava perplexidades e medos, não apenas por parte da classe em ascensão – maioritariamente de baixo nível literário –, mas também do lado de uma nobreza que temia a ofuscação do seu abrilhantado social. Detinha-se um olhar sobre o preço do progresso, e a arte da conversação surgia na comédia como instrumento que mediava (e meditava) sobre esse processo social em desenvolvimento – afinal sempre doloroso, primeiro porque burlesco, depois porque ainda informe, e logo, sempre intimidador.

Stephen Miller refere-se a Hume que, na *History of England*, põe em contraste as sociedades rudes com as sociedades polidas, quando em Inglaterra se davam os primeiros passos em direcção à expansão comercial, relatando que esta “transformed England from a rude society into a polished society, one where conversation flourishes.” (Stephen Miller, 2006: 60). Os discursos palavrosos em *Sir Politick Would-Be* serão exactamente o espelho destas sociedades menos polidas que nos aponta Hume, as quais se esforçavam por alcançar a superiorida-



de que uma conversação elegante lhes podia conferir, cimentando a distinção já adquirida pelo factor económico. Esses efeitos sentem-se em *Sir Politick Would-Be* a partir do 1.º Acto, 1.ª Cena. Observemos que, em momentos de despedida, Mr. De Riche-Source se dirige ao seu amigo político nestes termos:

C'est à moi de vous demander pardon, d'en avoir usé incivilement. Je saurai prendre mon tems, si vous le trouvez bon, pour jouir quelquefois d'une Conversation si profitable.,

---

87

ao que Sir Politick responde:

Vous en serez toujours le Maître, & pouvez commander à toute heure à un Serviteur particulier: si toutefois vos Affaires vous permettoient de demeurer ici un moment, je reviendrois vous trouver. (Saint-Évremond, 1978: 20).

Torna-se aqui explícito que o exercício da conversação resulta duma necessidade social, já não apenas pela garantia de reconhecimento dos seus elocutores, mas também porque factor de deleite. O uso do verbo “jouis” aplicado à conversação acentua essa ideia de prazer. E se repararmos, é o homem de negócios quem sugere futuros encontros para usufruírem de “conversas tão proveitosas” – ou *lucrativas*, numa tradução mais literal e talvez mais adequada ao *modus vivendi* da personagem. Reafirma-se a utilidade da conversação, ainda exibicionista e diletantista, a partir de qualquer encontro casual como é o caso que o texto dramático apresenta. Mais ainda, em resposta, o político reconhece-lhe a soberania dizendo-lhe “Vous en serez toujours le Maître”. Fica então sublinhado que será o comerciante quem conduzirá a conversa agendada, numa relação aproximada à de mestre e aprendiz, preocupando-se o político em não causar prejuízo à rentabilização do tempo do seu interlocutor – e assim dito, “si toutefois

vos Affaires vous permettoient”. A observação de que o homem de negócios não teria tempo a perder, nem mesmo para exhibir os seus lances de conversação, constitui um intolerante gracejo do dramaturgo em torno de (in)compatibilidades da sociedade do seu tempo.

A primazia crítica de atenções de que vinha sendo alvo esta burguesia, geralmente de baixo trato e saberes, explica-se pela sua pretensão de competir com as classes eruditas. Algo de estrutural estava a impedir uma harmonia na estratificação do universo dos cidadãos. Ronald Wardhaugh, tomando por tema o exercício da conversação como actividade social, escreve: “conversation is a social activity and, as such, it shares characteristics of all social activities. These characteristics we usually take for granted so that it is only their absence we notice. When there is some kind of breakdown in society, we notice the absence of principles, conventions, laws, rules, and so on, which guided or controlled behaviour in better times.” (Ronald Wardhaugh, 1986 (1985): 5). Em meados do século XVII ter-se-á experimentado acentuada dificuldade em lidar com uma tão forte transmutação social, esta motivada pela proeminência mercantil já em curso decisivo. Talvez mais desenvolvida nos meandros ingleses do que propriamente nos franceses, era uma realidade quotidiana que Saint-Évremond confirmava e invectivava no teatro. A comédia era também a da palavra; a arte da conversação tinha passado para o lado de fora dos portões palacianos, dos salões eruditos, dos clubes de letrados, de todos os núcleos de ilustres instruídos, e já dobrava mesmo a esquina de qualquer rua.

Outro matiz no século XVII relativamente a esta matéria teve a ver com a questão de género do enunciador. E aqui a problemática põe-se diferentemente em Inglaterra e em França, pelo menos à partida. Na Ilha, apesar de serem muitos os escritores e filósofos que reconheciam à mulher o direito de integrar os círculos da conversação, alguma natureza mais conservadora, como por exemplo a de

Shaftesbury, levaria a pensar que “the presence of women made it more likely that men would be «effeminate» in their thinking – that is, deficient in logic and boldness.” (Ronald Wardhaug, 1986 (1985): 65). A ameaça experimentada pelo exercício do pensamento a desenvolver dialogicamente nos circuitos masculinos, sentido de propriedade ainda claramente renascentista, levaria Shaftesbury a considerar que “the modern practice of letting women participate in polite conversation is a mistake.” (*idem*: 66). Esta rejeição da presença feminina tinha também a ver com o facto de as mulheres na época serem, comparativamente aos homens, muito pouco letradas e com a circunstância de estes, como observa S. Miller, não serem capazes de pensar na plenitude do exercício estando na presença de mulheres (*idem*). A mulher era assim observada pelo seu lado perturbador, de tipo duplo: ora porque permanente objecto de desejo, ora como autora de interferências menos adequadas, perturbadoras dos raciocínios. Esta opinião não era contudo unânime: Swift, por exemplo, de acordo com S. Miller, “has a simple recommendation for improving conversation: include women”. Acrescenta o ensaísta que “He [Swift] praises the conversation at the court of Charles I: «The Methods then used for raising and cultivating Conversation, were altogether different from ours» because «both Sexes...met to pass the Evenings in discoursing upon whatever agreeable Subjects were occasionally started.»” (*idem*: 6). A variedade de temas apresentados à tertúlia passaria, na opinião de Swift, pela presença feminina no círculo de debate. Mas esse autor não só mostra o seu agrado com a participação das mulheres como condena os que se lhe opõem: “Swift point is that men become more refined in the presence of women – more likely to engage in witty raillery than in vulgar repartee. He condemned the habit of having women withdraw from the company of men after dinner, «as if it were an established Maxim, that Women are incapable of all Conversation.»” (*idem*: 6-7). Levados a recordar que a arte da conversação nos grandes *Hôtels pa-*

risienses – o famoso *Hôtel de Rambouillet*, como metonímia – florescia, sempre abrilhantada por requintes de apreciada eloquência e em pleno convívio de ambos os sexos, chegaremos então ao fenómeno social francês intitulado de *préciosité*, este de género feminino. Nestas assembleias da inteligência então levadas a excessos, circulavam nomes femininos do mais prestigiado respeito literário, todo um painel erudito que tanto orgulho trouxe à plêiade francesa. Recorde-se ainda que nos intelectuais frequentadores dos *Hôtels* nem sempre se reconheciam os puros genes aristocráticos, porquanto nalguns desses salões já se fazia também representar a alta burguesia. Procurando sempre resplandecer pelas boas maneiras e, particularmente, pela afirmação de talento literário, as *précieuses* manifestavam-se numa ânsia que as remetia para exageros ao nível das roupagens, penteados, ornamentos, gestos de delicadeza e, sobretudo, na afectação linguística, extravagâncias que também Molière não perdoou nas páginas de *Les Précieuses ridicules*. Contudo, ombreavam tranquilamente com os saberes masculinos, numa salutar convivência de paridade intelectual onde não vibrava a recusa de género.

A contextualização que acabámos de efectuar tinha como objectivo mostrar que, em nosso entender, não é sobre este tipo de arte de conversação que se praticava nos grandes espaços da capital francesa que Saint-Évremond nos leva a sorrir através do seu texto. O dramaturgo oferece-nos antes alguma nota desse ridículo social de género, através de personagens masculinas. Quando o texto se refere à incapacidade discursiva de duas personagens femininas, fá-lo com algum distanciamento: em lugar de uma exposição directa através das falas das personagens, a crítica surge na boca de terceiros – que são homens –, o que deixa ao leitor ou espectador margem para se questionar sobre elas. Parece-nos, de facto, um registo dramático cauteloso de Saint-Évremond nesta matéria, muito embora, como adiante se verificará, a sua preferência imediata fosse também aí questionável,

porque selectiva. Exemplificando: Antonio, uma personagem italiana apresentada como alguém sempre preocupado em observar, comentar e ridicularizar, elaborando um estratagema conveniente à intriga e dirigindo-se a Pamfilino, que se caracteriza pelo bom-senso, exprime-se da seguinte maneira relativamente a dois elementos femininos ausentes de cena, uma inglesa e uma francesa:

Ayez donc la patience de m'écouter, s'il vous plaît. Il y a ici deux Etrangères assez accommodées, à ce qu'il me paroît, mais assûrement les plus ridicules Personnes que j'aye jamais vûës; la premiere est une *Angloise*, grave, composée; fausse en discours, en Politique; en Prudence sottement mistérieuse: l'autre est une petite *Françoise*, d'un esprit tout opposé; elle n'aime que le beau Monde, ne parle que du *bel Air*, de la *belle Maniere*; se croit Délicate, Galante, Polie; & veritablement elle est plus Bourgeoise que ne sont les Femmes de Marchands les plus grossièrés. (Saint-Évremond, 1978: 78).

Pese embora a atribuição de alguns aparentes elogios, estas duas mulheres saem fragilizadas desta referência. Começamos por saber que são duas pessoas do mais ridículo que Antonio terá visto: a inglesa, embora grave, comedida, de prudência questionável, é fraca em discurso, tanto quanto em política – e logo nos apercebemos tratar-se da mulher de Sir Politick; quanto à francesa, opondo-se-lhe diametralmente, gosta do bom-viver, julga-se delicada, galante, polida e, quanto à conversação, só sabe falar do bom aspecto e das boas maneiras. Em resumo, fica-se com a impressão de que a mulher francesa é mais insensata do que a inglesa, mais voltada para as falsas exteriorizações. Sendo a personagem britânica alvo de restrições, a francesa sai bem mais penalizada destes juízos. Procurando ser delicada, galante, distinta nos seus gestos, ela apenas “se croit”, o que significa que não chega a ser. Todo o seu esforço resulta numa tensão de culto das aparências, que acaba por mostrar não saber exercer de modo

convincente. O dramaturgo mostra-se implacável em relação a estes zelos que a personagem francesa procura evidenciar – características evidentes da *préciosité* –, acrescentando que “elle est plus Bourgeoise que ne sont les Femmes de Marchands les plus grossières”. Não nos parece, de forma alguma, tratar-se de uma reprovação dos elementos do sexo feminino que subscrevem este fenómeno social baseado na ostentação de saberes. Bem pelo contrário, tratar-se-á antes de uma completa rejeição de quem pretende ascender a voos mais altos sem que para tal tenha dado as necessárias provas. Não estará em causa o exagero, estará em questão a ignorância. O seu estatuto social era desadequado a tais práticas galantes, e o dramaturgo, aristocrata de puro rigor, lidaria mal com estas transgressões. Até então os tempos eram inflexíveis na etiqueta social, e a tinta saint-evremoniana não cedeu a alterações de códigos, valendo-se dela como arma contra a invasão de propriedade.

Saint-Évremond foi ainda caracterizado por toda a crítica – a do seu tempo e a posterior – como um homem de hábil trato no seio das convivências femininas e muito apreciado por elas. Em matéria de práticas de conversação escreveu que “Toute conversation indifferente leur [au cœur] inspire de l’ennuy et le plus honnête homme qui les [aux dames] entretiendra de choses generales, les fera tomber dans la langueur.”<sup>9</sup>. Uma frase como esta, revelando-nos de alguma forma a sua posição nesta matéria, permite também que nos questionemos sobre ela. Na carta de onde retirámos este fragmento, Saint-Évremond parece evidenciar mais o seu bem-estar no seio das assembleias femininas do que a sua opinião sobre a arte da conversação deste género. A exibição dos seus dotes oratórios em ambientes mistos seria, afinal, mais um expediente de chamada de atenção sobre si. Diga-se ainda que, algumas linhas antes daquela frase, Saint-Évremond deixa bem

---

<sup>9</sup> “A Monsieur le Maréchal de Crequi”, in Saint-Evrémond, 1969: 123.

claro que conhecia os meandros psicológicos femininos e a pragmática de adequação aos interesses masculinos: “Selon l’usage ordinaire, le premier mérite auprès des Dames, c’est d’aimer; le second, de flatter bien leurs humeurs et de favoriser leurs inclinations; le troisième de faire valoir ingénieusement tout ce qu’elles croient avoir d’aimable. Si rien ne vous meine au secret de leur cœur, il faut gagner au moins leur esprit par des louanges...” (Saint-Evrémond, 1969: 123) – uma receita que denota outra arte, a hedonista arte de agradar. Aliás, a admitir-se algum apreço pelo desempenho elocutório feminino, poderá em simultâneo adivinhar-se uma hábil posição de quem dele pretende granjear simpatias. E se repararmos, quando escreve que “les fera tomber dans la langueur”, Saint-Évremond coloca a tónica no aconselhamento dirigido ao universo masculino – ali na pessoa do marechal de Crequi, como metonímia –, sobre um estádio não desejável de verificar no elenco feminino.

Quanto à conversação masculina, escreveu o autor que: “C’est une rareté trop grande, que la conversation d’un homme en qui vous trouviez un agrément universel, et le bon sens ne souffre pas une recherche curieuse de ce qu’on ne rencontre presque jamais.” (*idem*: 124). Alguma ambiguidade que presentimos esbate-se se admitirmos a alegação de D. Bensoussan, ao referir-se nestes termos à carta a que pertence o excerto: “...la conversation, le commerce des hommes et des femmes, expérience à la fois sensuelle et intellectuelle du dialogue vivant, où la justesse du style est sans cesse mise à l’épreuve, sommé de se justifier ou de s’amender, passée à l’étamine de l’autre, et surtout confrontée à l’exigence de justice, fondatrice de la relation intersubjective et garante de sa viabilité comme de son agrément.” (Saint-Evrémond, 1998: 189). Torna-se assim evidente que para Saint-Évremond o exercício da conversação entre ambos os sexos não se confinaria a práticas oratórias de pura gratuitidade. Revestia-se também de exigências várias, passando por um estilo padronizado, com

matizes exibidores de intelectualidade e sensualidade, de acordo com um crivo selectivo de exigências diversas.

Um momento dramático ilustrativo desta temática ocorre no início do 2.º Acto, 1.ª Cena. Encontram-se frente a frente três personagens masculinas: um viajante alemão, homem curioso e interessado em notar todos os pormenores dos locais que visitava; o marquês de Bousignac, aparentando um falso ar de homem da corte francesa; e Mylord Tancred, inglês, perspicaz e conhecedor dos ridículos sociais, primo do Duque de Buckingham, aqui representando a nobreza britânica, com quem Saint-Évremond convivia assiduamente em Londres<sup>10</sup>. Os interesses das três personagens cedo se revelam divergentes:

L'ALLEMAND.

Ne perdons point de tems, je vous prie, & voyons aujourd'hui quelque chose de curieux.

LE MARQUIS.

Et moi; promenons-nous, je vous prie; nous n'aurons que trop de loisir à Venise pour voir ce qu'il y a de curieux. Un peu de Conversation.

L'ALLEMAND.

Qu'appellez-vous Conversation? S'amuser à discourir! Je ne suis pas venu d'Allemagne pour ne faire que parler.

---

<sup>10</sup> Alguns críticos defendem que este texto dramático terá sido escrito por três mãos: Saint-Évremond, o Duque de Buckingham e d'Aubigny. Todavia, de acordo com a investigação que efectuámos no âmbito da já referida dissertação de mestrado, colocamos sérias reservas a essa hipótese, indo aliás ao encontro da conclusão do estudioso americano Quentin Hope, particularmente no que respeita à questão de saber se Saint-Évremond dominava ou não o inglês. E a questão coloca-se de imediato, uma vez que o título *Sir Politick Would-Be* retoma o nome de uma personagem da peça *Volpone*, de Ben Jonson, o que faz do texto de Saint-Évremond seu epigonal. Vide: Carmen Matos Abreu, 2005: 43-46; Quentin Hope, 1999: 237-240.



LE MARQUIS.

Toutes vos Curiosités ne valent pas un quart-d’heure d’Entretien: mais qui est cet Etranger qui vient vers nous?

L’ALLEMAND.

C’est un Mylord avec qui je loge; Cousin du Duc de Buckingham: voulez-vous faire connoissance avec lui?

LE MARQUIS.

Cousin, dites-vous, du Duc de Buckingham? & si je veux faire connoissance? (Saint-Évremond: 1978: 35-36).

Neste diálogo entre um alemão e um francês, ficam rápida e claramente evidenciadas as diversidades de interesses: o gaulês motivase por projectos de ordem unicamente intelectual, mas sedentária, enquanto que o primeiro está em Veneza para fazer um percurso de descoberta turística, preenchendo com ela a curiosidade do intelecto. Como forma de entretenimento, Bousignac avança com uma proposta assente na conversação, encargo com que o autor distingue de pronto o povo francês num lance que se reconhecerá de orgulho e que se poderá ainda admitir revestido de ironia já que, antecipadamente, se conheceria o vencedor caso a proposta tivesse sido aceite. Aliás, favorece este raciocínio o facto de o alemão ter mesmo chegado a perguntar: “Qu’appellez-vous Conversation? S’amuser à discourir!”, deixando perceber alguma ignorância e até desprezo pelo exercício, em que declara não estar minimamente interessado, tanto mais que tem o cuidado de acrescentar que “Je ne suis pas venu d’Allemagne pour ne faire que parler.”. Ou seja, a arte da conversação afirmava-se ali na voz de quem dela detinha todos os méritos: os franceses. Mas não ficou por aqui a acalorada zombaria saint-evremoniana. Bousignac foi mais longe e referiu ao alemão, sem rodeios, que “Toutes vos Curiosités ne valent pas un quart-d’heure d’Entretien”, sugerindo que os momentos usufruídos em conversação seriam francamente mais

proveitosos do que o conhecimento resultante das observações visuais. Embora esta questão nos pudesse levar mais longe, fiquemo-nos pela leitura de uma crítica explícita em torno de competências que não se adquirem com facilidade, da insensatez resultante da rejeição de prazeres superiores aos que proporciona a deambulação por uma terra desconhecida, numa afirmação da incultura do alemão.

96

As duas últimas falas do extracto acima chamam ao texto a figura do duque de Buckingham. Notemos a presença da ironia, acentuada pelas duas interrogações retóricas colocadas na resposta de Bousignac: “Cousin, dites-vous, du Duc de Buckingham? & si je veux faire connoissance?”. O texto revela o interesse do francês em conhecer a personagem apontada, ficando a ideia de que tal se deva, não a mera cortesia, mas ao facto de se tratar de um familiar do duque de Buckingham. Simpatias e asserções que devem ser atribuídas ao autor e que se reconhecem aliás no breve extracto de uma carta de Saint-Évremond ao duque de Buckingham, escrita em 1674:

Monsieur Borné est si fort persuadé de vôtre conversation, Milord, qu'il en parle en ces termes à tous ces amis: Je suis prest à répondre sur mon salut de celui du Duc de Buquinqan, dans la ferme opinion que j'ai du changement de sa vie.

Conversasion, Monsieur Borné, dit Monsieur Waler, on ne se convertit pas ainsi; ce n'est ni par vous, ni par moi, ni par homme vivant qu'est venüe la regularité nouvelle du Duc de Buquinqan.... (Saint-Évremond, 1967: 268-269).

Este elogio à competência discursiva do duque de Buckingham, também presente na fala do marquês de Bousignac no texto dramático, confirma que a arte da conversação não era para quem a queria praticar, mas apenas para quem tivesse a proficiência necessária. E a peça revela-se de tal ordem severa que o alemão pouco mais dirá naquele encontro, retomando a palavra praticamente para o momento

das despedidas. Durante toda a cena a conversa desenrola-se entre as personagens francesa e inglesa, tomando aquela quase sempre conta do diálogo. Bousignac, com longas tiradas de acentuada verbosidade, revela tal desinteresse pela presença da personagem alemã que, nos últimos momentos do encontro – em aparte, o que o texto deixa perceber pela mudança de grafia – sugere ao inglês Tancrede: “Parlons à l’ALLEMAND.” (Saint-Évremond, 1978: 41). Na verdade, este quase não tinha tomado parte na conversa, silenciado pela indiferença dos seus pares, porquanto os seus interesses eram ali vulgares e não poderiam competir com os dos interlocutores. São momentos de forte ironia saint-evremoniana que suscitam o riso, tanto mais que estamos no âmbito da comédia. Brincava-se a propósito de uma realidade, frisando-se a importância da conversação no século XVII francês. O texto critica também outras questões importantes na sociedade de Seiscentos, por exemplo ao nível da pragmática comercial, mas isso fica fora do âmbito deste artigo.

Prosseguindo na análise, observemos que Bousignac, agradecendo ao alemão o facto de lhe ter apresentado o primo do duque de Buckingham, o inglês Tancrede, remata a fala afirmando que “il a été long-tems en *France* assûrement.” (Saint-Évremond, 1978: 41). Esta asserção revela alguma sobrançeria, pois segundo ela os eruditos – e os bons conversadores –, teriam de passar obrigatoriamente por França, já que o potencial humano de além fronteiras seria questionável nesta matéria. Esta opinião de Saint-Évremond é partilhada por outros intelectuais, como Hume, para quem a arte da conversação em França era melhor do que em Inglaterra: “In common life, they [the French] have, in a great measure, perfected that art, the most useful and agreeable of any, *L’Art de Vivre*, the art of society and conversation.»! (Stephen Miller, 2006: 69). Em *Sir Politick Would-B*, que denota, apesar de tudo, um registo francamente favorecedor do povo inglês, o factor (inter)nacionalidade merece alguma resistência da parte do

autor: “Chaque nation a son merite, avec un certain tour qui est propre et singulier à son genie. Mon discernement trop accoûtumé à l’air du nostre, rejettoit comme mauvais ce qui luy étoit étranger.”<sup>11</sup>. Estas palavras revelam a tendencial incapacidade para ultrapassar fronteiras políticas, culturais e/ou linguísticas, traduzindo a rejeição da diversidade. Sobre este aspecto, Jean-Charles Darmon acrescenta que: “La conversation évremondienne ne nivelle pas les différences entre les nations, entre les «génies» des peuples, elle en tire parti: la «nationalité» de l’interlocuteur s’intègre alors dans l’*otium* comme un paramètre supplémentaire de variation dans le plaisir.” (Jean-Charles Darmon, 1998: 366), reconhecendo ainda nesta afirmação do pensamento saint-evreminiano uma das variantes de busca de prazer.

São nítidas as marcas culturais de cunho elitista no século XVII francês, onde o conhecimento se impunha como estigma social. Os mecanismos de aferição eram servidos por preconceitos de vária ordem, pelo que a admissão de um bom conversador nos círculos de ilustrados dependeria de factores diversos. Estas revelações dramáticas dão-nos conta de um quadro de pensamento e de costumes característico de um momento social que E. Bury classifica como um “paradigme nouveau de la *distinction*, qui ne saurait reposer que sur un art subtil des signes de reconnaissance, qui échappent aux demi-habiles et aux gens grossiers.” (Emmanuel Bury, 2000: 38-39). Ainda para este crítico, há uma ética saint-evremoniana que se situa num refinamento extremo da comunicação oral, muito mais praticada do que teorizada. São aspectos que considera ilustrativos de uma cultura mundana e aristocrática, própria do século XVII, traduzindo uma forma de resistência da classe nobiliária de alta cultura da época (*idem*: 39).

Quanto à burguesia, procurava afirmar o seu prestígio e lutava por uma autonomia de que se julgava credora a partir do conforto

---

<sup>11</sup> “A Monsieur le Maréchal de Crequi”, in Saint-Évremond, 1969: 128.

económico que ia conhecendo. Mas o seu acesso aos espaços de convivência mundana mais depurada continuava a enfrentar obstáculos, mesmo para aqueles que tinham um percurso intelectual mais sólido. Os ilustrados exerciam entre eles a conversação, exibindo-a com hedonismo, categorizando-a como arte, detendo sobre ela um direito de propriedade de que não abdicavam. A sentença que aplicavam aos burgueses emergentes raramente lhes era favorável: delimitavam-se espaços por uma poderosa lei subentendida. O patamar social, a nacionalidade ou o sexo do emissor eram razões de força que justificavam as penalizadoras notas sentenciosas derramadas ao longo das páginas de *Sir Politick Would-Be*.

Escrita entre 1662 e 1665, a peça apresenta-nos um quadro de relacionamentos das classes sociais superiores numa determinada época do século XVII francês, revelando ainda o posicionamento de um autor recém-chegado ao exílio. Uma esperada metamorfose ontológica parece não ter, entretanto, tardado. Ainda na carta escrita ao marechal de Crequi, (recorde-se que a sua escrita é situada entre 1669 e 1671), Saint-Évremond estaria já menos emocionado, mais racional talvez, e porventura mais permissivo a novas propostas nos seus anéis de convivência, como se pode claramente verificar nesta passagem: “Pour la conversation des hommes, j’avoüe que j’y ay este autrefois plus difficile que je ne suis, et je pense y avoir moins perdu du costé de la delicatesse, que je n’ay gagné du costé de la raison. Je cherchois alors des personnes qui me plussent en toutes choses. Je cherche aujourd’hui dans les personnes quelque chose qui me plaise.”<sup>12</sup>. Trata-se de um amolecimento de estados de alma que, quiçá, se a ironia tivesse levado Saint-Évremond a reescrever *Sir Politick Would-Be*, poderia ter trazido à colação outras luzes críticas.

---

<sup>12</sup> “A Monsieur le Maréchal de Crequi”, in Saint-Évremond, 1969: 124.

## Bibliografia

ABREU, Carmen Matos

2005, *Saint-Évremond – Entre França e Inglaterra: uma visão comparatista da comédia 'Sir Politick Would-Be'*, dissertação de mestrado; Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

BIET, Christian

2000, *Les Miroirs du Soleil: le roi Louis XIV et ses artistes*, Paris, Gallimard.

BURY, Emmanuel

1993, *Le Classicisme: l'avènement du modèle littéraire français (1660-1680)*, Paris, Nathan.

BURY, Emmanuel

2000, "Saint-Évremond et l'Humanisme: une culture dans le siècle", in *Saint-Évremond: entre Baroque et Lumières*, Colloque de Cerisy-la-Salle (25-27 septembre 1998), Caen, Presses Universitaires de Caen.

DANIELS, Walter Melville

1907, *Saint-Évremond en Angleterre*, Versailles, Imprimerie Louis Luce.

DARMON, Jean-Charles

1998, *Philosophie épicurienne et littérature au XVII<sup>e</sup> siècle*, Paris, PUF.

FUMAROLI, Marc

1994, *La diplomatie de l'esprit: de Montaigne à La Fontaine*, Paris, Hermann, éditeurs des sciences et des arts.

HOPE, Quentin M.

1962, *Saint-Évremond: the honest man as critic*, Bloomington, Indiana University Press.

HOPE, Quentin M.

1999, *Saint-Évremond and His Friends*, Genève, Droz.

JACKSON, Jean-Pierre

1996, *Saint-Évremond, Écrits Philosophiques*, Paris, Editions Alive.

MILLER, Stephen

2006, *Conversation: A History of a Declining Art*, New Haven and London, Yale University Press.

POTTS, Denys

2002, *Saint-Évremond: a Voice from Exile*, Oxford, European Humanities Research Centre.

SAINT-ÉVREMOND

1967, *Lettres*, trad., intr. et notes par René Ternois; t. I, Paris, Librairie Marcel Didier.

SAINT-ÉVREMOND

1969, *Œuvres en Prose*, trad., intr. et notes par René Ternois; t. IV, Paris, Librairie Marcel Didier.

101

SAINT-ÉVREMOND

1970, *Textes Choisis*, ed. de Alain Niderst; Paris, Editions Sociales.

SAINT-ÉVREMOND

1978, *Sir Politick Would-Be*, présent. et notes par Robert Flinch et Eugène Joliat; Genève, Droz.

SAINT-ÉVREMOND

1998, *Entretiens sur toutes choses*, présent. par David Bensoussan; Paris, Desjonquères.

SCHERER, Jacques; TRUCHET, Jacques

1986, *Théâtre du XVII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Galimard.

WARDHAUG, Ronald

1986 (1985), *How Conversation Works*, Oxford, Basil Blackwell.